

FRENTE A LA DESMESURA Y EL DESAMPARO, EL ARMADO DE UNA CUBETA QUE POSIBILITE LOS TRABAJOS DE DUELO EN ADOLESCENTES.

FRENTE À DESMESURA E AO
DESAMPARO, O ARMADO DE UMA TINA
QUE POSSIBILITE OS TRABALHOS
DE LUTO EM ADOLESCENTES.

IN FRONT OF THE EXCESSIVE AND THE
HELPLESSNESS, THE ARMING OF A
BUCKET THAT ALLOWS THE WORK OF
MOURNING IN ADOLESCENTS.

Eugenio Lafón Nieto
Asociación Argentina de Psiquiatría y Psicología de la Infancia y la Adolescencia
ORCID: 0009-0006-3095-9126
Correo Electrónico: eugenieto28@gmail.com

Fecha de recepción: 18-04-2024
Fecha de aceptación: 26-05-2024

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article
Lafón Nieto E. (2024) FRENTE A LA DESMESURA Y EL DESAMPARO, EL ARMADO DE
UNA CUBETA QUE POSIBILITE LOS TRABAJOS DE DUELO EN ADOLESCENTES.
Intercambio Psicoanalítico 15 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/15.1.5/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

FRENTE À DESMESURA E AO DESAMPARO, O ARMADO DE UMA TINA QUE POSSIBILITE OS TRABALHOS DE LUTO EM **ADOLESCENTES.**

Eugenio Lafón Nieto¹

1 Eugênio Lafón Nieto. Graduado em Psicologia (UNLP). Pós-graduado em Psicanálise da Infância e Adolescência – ASAPPIA. Professor de pós-graduação da ASAPPIA. Ele publicou recentemente *Fantasia, Imaginación Radical y cuerpo representacional en controversias* online.org.ar/No 33/2023. Amante de teatro.

I. Introdução

A pandemia do COVID 2019 e o isolamento obrigatório deteve – ou adiantou-se à emergência de – processos de luto em adolescentes, de seus aspectos infantis, e os lutos pelas perdas de seus estimados ficaram detidos no tempo.

Acrescenta-se a este fato a incapacidade dos adultos para exercer uma função alfa, que ligue, simbolize ou abra uma perspectiva de um futuro possível para ser empossado e sonhado. Situações contínuas que exigem um processamento constante de grandes cúmulos e altas voltagens de informação/desinformação.

Isolamento obrigatório e fechamento em casa com as famílias completas, diga-se de passagem, que, em muitos casos, pela vertigem neoliberal e tecnológica, praticamente nunca tinham-se encontrado em um mesmo lugar por períodos tão prolongados de tempo – pensando no confronto constante que pode apresentar para uma mente adolescente compartilhar 24/7 com os familiares dos quais estavam em um processo de diferenciar-se, afastar-se, tornar-se independentes, e substituir seus discursos pelos de outros. Durante o aspo (isolamento social preventivo e obrigatório no território argentino; Decreto n 260 com data 12 de março de 2020, pela emergência pública em matéria sanitária estabelecida pela lei n° 27.541, pelo prazo de um ano em virtude da pandemia, estabelece-se a proibição de movimentar-se por estradas, rodovias, e espaços públicos, a fim de prevenir a circulação e o contágio do vírus COVID- 19). Que tinas foram possíveis? Foram possíveis? Nossa hipótese é que se requer de uma tina para a construção de uma tina para atravessar um luto, o espaço analítico é uma opção - não a única – Vamos comentar algumas execuções post-período crítico do COVID E como possibilitaram abrir jogo, aumentar a complexidade e percorrer os processos de luto. O percorrido vai nos levar a passar pelos diferentes autores: Freud, Laplanche, Bleichmar, Bion, Moguillansky, Yago F, Cartoriadis.

II. A função alfa na construção de uma tina, a tina da função alfa.

“A experiência analítica aumenta a capacidade do paciente para sofrer mesmo quando o paciente o analista possam desejar diminuir a dor mesmo” (BION 2000 PAG 87). Moguillansky (2016) falará da relação da palavra como continente da dor, já que permite sua presença e sua expressão de maneira figurada, conteúdo na palavra, que protege o sujeito de experimentar a dor de maneira intempestiva.

Entre essas coisas, a relação da dor com um continente nos levou a pensar na articulação entre função alfa – de Bion – e a construção de uma tina, como elementos indispensáveis para o trabalho do luto.

Em relação à função alfa, Bleichmar nomeia que, no encontro com o cachorro humano, o adulto implanta sexualidade, energia a ser evacuada; e também fornecerá o caráter para ligar, simbolizante para essa energia.

A função alfa deve operar captando, contendo, organizando, ligando, simbolizando tudo o que resta não simbolizado, os elementos betas. Estes últimos, não podem ser entrelaçados no aparelho, o "EU" não pode apropriar-se deles.

Pegar elementos de alta voltagem, elementos sem referência a um sistema em particular e realizar um trabalho de colocar em relação, colocação em palavras, e que o torne pensável para o "EU". Que exerça a função alfa deve também ser garante e abrir uma perspectiva de futuro.

Pegamos de Bion esta ideia, que haja alguém que garanta que os elementos se tornem pensáveis para o aparelho do cachorro. Para que mais na frente possa exercer essa função por si mesmo, e pensar em seus pensamentos, mas também lhe possibilita a captação de experiências. Nós diremos, tornar certos elementos pensáveis, elementos das vivências, fazê-los complexos – por relação a outros – dar-lhes uma primeira capa de simbolização, torná-los experiências apropriáveis para o "EU", e numa segunda instância, outra capa de complexidade seria tornar ditos pensamentos, objetos de reflexão.

Por que consideramos fundamental essa função?

Construir – em conjunto com o paciente – um espaço onde seja possível pensar e que os elementos sobre os que se trabalha não permaneçam imutáveis – função alfa –

Se o paciente não pode “pensar” com seus pensamentos, é dizer, que tem pensamentos, mas carece do aparelho de “pensar” que lhe permite usar seus pensamentos, pensá-los, por dizer assim, o primeiro resultado é uma intensificação da frustração porque falta o pensamento que deveria fazer “possível para o aparelho mental o fato de suportar uma tensão incrementada durante uma demora “no processo de descarga. (BION 1987 –pág. 115/116).

Construir um espaço de contenção e suporte, que guarde certa regularidade e constância no ambiente, para que os pacientes comecem a experimentar a contenção da palavra, a contenção de um espaço que protege sua autonomia de pensamento, e que este espaço está disponível para transformar os elementos mais atemorizadores; possibilita pouco a pouco a abertura de seus pensamentos dentro de outro continente compartilhado. E a possibilidade de usar os pensamentos para uma descarga em demora e ligada. Retomamos a cita de Bion "A experiência analítica aumenta a capacidade do paciente para sofrer mesmo quando o paciente e o analista podem desejar diminuir a dor mesma (BION 2000 pág. 87).

Vamos mais devagar "aumenta a capacidade do paciente para sofrer" durante um período de tempo o analista se encarregará de exercer a função alfa, fazendo com que certos elementos sejam pensáveis para o paciente. A distância que leva à reflexão será incorporada pelo paciente como um recurso próprio, a experiência analítica mesma, o trabalho em conjunto constituirá uma constelação de representações que vêm ao auxílio do pensamento do paciente quando for necessário. O pensamento conjunto

torna-se reflexão, pode ir e voltar sobre os elementos e fazê-los objetos pensáveis, exercer por si mesmo a função posta em relação/simbolização/ ligação/construção de teorias, que aumentem a capacidade para sofrer.

III. A tina

“Se a psicanálise é um movimento de desligamento, é um movimento apavorante, horroroso, e só pode ser suportado no interior de certo quadro, de certo enquadramento”. (Laplanche vol4. 1990 pág. 18).

Laplanche dirá que se requer certa energia para que haja envoltura possível. É essa energia a que gera a capacidade de produzir um trabalho entre o exterior e o interior, e pegando a citação acima, os pacientes só suportam o trabalho – de luto – dentro da envoltura que se constrói com o analista. E se pergunta:

A questão de partida será a seguinte: existe uma relação inter-humana especificamente analítica? Como é definida uma relação analítica respeito a situações e as relações simplesmente da vida quotidiana? A relação da palavra, as transferências, ou incluso as interpretações, isso existe no dia-a-dia, isso tem existido historicamente antes da análise, isso existe fora da análise. (Laplanche 1987 pág. 15).

Para que isto aconteça, se gera uma situação inteiramente constituída para esse efeito – uma formação artificial, fabricada -. Esta formação inclui e exclui alguma coisa. Traça um limite. As regras da análise, instauram um espaço, um questionamento das regras que funcionam como beiras da tina, que permitem ali dentro – dentro do contexto que dá um dia, um horário – uma demonstração no dizer, a regra fundamental. “Fale-me de tudo o que lhe passa pela cabeça”. E não no fazer; um dentro e um fora. Assim é feito exame da imagem da tina.

Retomando o exposto, pensamos que exercer a “função alfa” por parte do analista, sobre certos elementos – que por sua origem – sua voltagem, ou pela pouca “maya representacional” de base de que se dispõe – não podem ser ligados ao tecido de base; possibilita a abertura do paciente a compartilhar nomeados elementos para ser elaborados em um espaço conjunto, um espaço que sem ser uma garantia completa, garante um certo envoltório, certo limite, acompanhamento e trabalho em conjunto que resguarda para começar a trabalhar certos pensamentos, certas ligações ao objeto perdido e mesmo sem começar continuar seu desenodamento.

Algo disto é o que pensamos, possibilita a abertura a pensar sobre elementos dolorosos, como me disse uma vez um paciente: “quando começamos de forma virtual, eu via-te pequeno – pelo celular – é como se eu te houvesse criado” Aqui a tina permitiu construir um outro que a ajudasse a processar elementos, alguém até criado por ela mesma, que não ameaçava desde fora, senão que ligava desde dentro.

IV. Trabalho de luto. Desinvestidura dos laços libidinosos com o objeto. Dor

“O luto é, regra geral, a reação frente à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que faça suas vezes, como a pátria, a liberdade, um ideal, etc”. (Freud tomo xiv pág. 241). O luto como reação frente à perda de um objeto – em senso amplo- armado implica: a perda de interesse pelo mundo exterior – o mundo virou pobre e vazio – a perda da capacidade para escolher algum novo objeto de amor; o estranhamento respeito de qualquer trabalho produtivo que não tenha relação com a memória do objeto perdido. Este estreitamento nos recursos dos que dispõe o “eu” exprimem uma entrega ao trabalho de luto, que absorve o EU e o deixa com pouco resto disponível para os propósitos ou interesses. Do que se trata o processo de luto? Frente ao exame, o EU confirma que o objeto amado já não existe mais, o laço com o objeto subsiste, e vê-se exortado de tirar toda libido de seus ligamentos com o objeto. E embora o homem não deixe com vontade uma posição libidinosa, o normal é que prevaleça o acatamento a nomeada exortação.

[É] o respeito a realidade [...] prevalece sobre o laço afetivo: a realidade exige que o sujeito transmute, ou até aniquile, o seu vínculo com uma pessoa que já não está presente. Mas esse “fazer seu luto”, esse respeito pela realidade, não prevalece num abrir e fechar de olhos. (Laplanche 1988 pág. 296).

Executa-se peça por peça com um grande gasto de tempo e energia de investidura, e, entretanto, a existência do objeto perdido continua no psíquico. Ao terminar afasta-se o gasto necessário. Para Laplanche ...”quem realizar um luto se fecha em um certo espaço e dá-se a si mesmo certo tempo”. (Laplanche vol4. 1190 pág. 13). E por esta proteção, essa reserva espaço-temporal, opera no trabalho de luto, e assim possibilita que cada uma das lembranças nas quais a libido está ligada ao objeto, seja sobre investido e sobre cada uma – lembranças e esperanças – seja realizado o trabalho de desligamento da libido.

Pode ser, que no luto, perda de uma pessoa estimada – sejam perdidas ou despojadas constelações de representações e que por isso se experimentem efrações no corpo – corpo como limite, corpo como unidade do eu, continente, corpo representacional – produzindo dor?

Conhecemos por outra parte a explicação que Freud do respeito a dor. É uma explicação “econômica”; a dor é sempre um afluxo de energia que vem a quebrar – ou ameaça com quebrar uma barreira, um limite (concebido como limite do organismo, ou mesmo cutâneo, ou como a barreira ou a fronteira do eu). Portanto, afluxo de energia, ruptura de uma barreira, e terceiro elemento: fenômeno de contra investimento, é dizer, mobilização de energia para substituir a barreira estática por uma barreira dinâmica. (Laplanche 1988 pág. 297).

A energia da dor, não ligada, desencadeada, pode ser ligada, mas traz um empobrecimento do conjunto do sistema, dado que está obrigado a reunir energias nesse ponto. As outras atividades empobrecidas.

A reação dolorosa substitui ao limite estável da proteção antiestímulo que se viu fragmentada com a perda do objeto. A reação dolorosa fará as vezes de limite funcional, de conexão, e dita conexão modificará a brecha aberta na envoltura.

V. luto, imaginação radical, transfiguração e...

Queremos nomear um pequeno parágrafo apotênciado do trabalho do luto. Ligando o já falado previamente, as ideias de Castoriadis da imaginação radical, como o esforço da psique por dar-lhe figura/envoltura/modelagem/forma pensável a certos elementos, e pegando de Yago Franco "transfigurações: criação e mudança de figuras psíquicas e sociais". (Yago 2022. Pág.77).

Quando o trabalho de luto, deste desamarrear ponto a ponto cada lembrança ligada ao objeto perdido, fazer um trabalho sobre cada vínculo libidinal, para depois, investir outros objetos, e investir também o objeto perdido na fantasia, é transformador dos conglomerados representacionais? Quanto do trabalho do luto, consiste em encontrar novas figuras/envolturas/formas a aquele objeto perdido?

Quanto do trabalho de luto consistiria em transfigurar certas imagens, que no trabalho de desmaranhamento se dá por uma ampliação do tecido representacional? Quanto do trabalho de luto, pensando-o desde a potência da imaginação radical, um fluxo de representações afetos e desejos, tem a potência a autonomia para continuar envolvendo, relacionando, simbolizando, ligando, investindo, transformando a mentalidade do aparelho? Queremos ilustrar brevemente com duas linhas clínicas: um adolescente que durante a pandemia perdeu a sua avó, vínculo de suporte amoroso e vínculo que regulava o funcionamento familiar, questão que se viu descompensada; se encontrou convivendo com o grupo familiar inteiro, de repente, quando pelo ritmo de vida que levavam, era realmente difícil encontrar-se todos juntos num mesmo espaço. Aquela convivência, representava uma ameaça para seu aparelho respeito à magnitude de energia em circulação e sem conexão que geravam cotidianamente. A defesa que encontrou foi uma retratação que impossibilitou tanto a expressão das questões dolorosas, um possível pedido de ajuda, mas tampouco receber pequenas e perdidas expressões amorosas envolventes de seus familiares ou amigos. O primeiro tempo de trabalho consistiu em processar juntos o período de isolamento obrigatório, até que a envoltura das palavras, dos jogos, construíram um espaço onde a dor e possível de ser sentida sem ser ameaçante, já que podia ser contéuda e trabalhada em conjunto. Foram aparecendo aos poucos elementos sobre o luto que tinha sido colocado entre parêntese.

Outro exemplo que nos pareceu interessante, é aquele de um jovem que depois e muito trabalho pela perda de sua mãe, e na medida em que a vida voltasse a tomar cor e consistência apareceu o medo ao esquecido. Pensamos que sendo a dor a marca de que o outro ainda está presente em mim, já que a dor ocupa o lugar na membrana quebrada pela ausência real do objeto, o alívio gradual que traz o trabalho de desemaranhamento, ligação e investimento de novos objetos e atividades, traz consigo esse temor ao esquecido. Temor ao esquecer para sempre e que apareça um buraco.

Bibliografía.

- Berardi, F. B. (2016). Generación post alfa. Patologías e imaginarios en el semiocapitalismo. Ed: Tinta limón. Bs.As.
- Bion, W. R. (2000). Elementos del psicoanálisis. Ed. Hormé. Bs.As.
- Bion, W. R. (1987). Aprendiendo de la experiencia. Ed: Paidós. Bs.As.
- Bleichmar, S. (2021). Psicoanálisis extramuros: Puesta a prueba frente a lo traumático. Cap. IV. Ed.: Entreideas, Buenos Aires.
- Castoriadis, C. (1998). Hecho y por hacer. Eudeba, Bs.As.
- Freud, S. (2012). "Duelo y melancolía", O.C., Vol. XIV. Ed. Amorrortu, Bs.As.
- Laplanche, J. (2001). Nuevos fundamentos para el psicoanálisis. Amorrortu. Bs.As.
- Laplanche, J. (1987). La cubeta. Trascendencia de la transferencia. Problemáticas V. Amorrortu. Bs.As.
- Laplanche, J. (1988). La angustia. Problemáticas I. Amorrortu. Bs.As.
- Laplanche, J. (1990). Revista trabajo del psicoanálisis vol4. "Duelo y temporalidad".
- Mogukkansky, C. E. (2016). El dolor y sus defensas. Una aproximación a la elaboración del dolor. Ed: Letra Viva. Bs.As.
- Yago, F. (2022). Transfiguraciones psicoanálisis de la pandemia psicoanálisis en la pandemia. Ed.: Magma, Buenos Aires.